

GURGEL, João Bosco Serra e. **Dicionário de gíria: modismo lingüístico: o equipamento falado do brasileiro**. 7.ed. Brasília: J.B. Serra & Gurgel, 2005.

Maria Edileuza Tavares da SILVA<sup>1</sup>

Há de se considerar que ainda hoje os dicionários representam obras de extrema importância para o uso, preservação e mesmo como simples consulta da língua de uma determinada comunidade de falantes.

Compor um dicionário de língua, por exemplo, requer cuidado, seleção e tratamento adequado do material a ser analisado. Tal processo, muitas vezes, pode demandar anos de pesquisas até finalmente culminar em sua publicação. Sem contar que se tratará de uma obra sempre inacabada, pois a dinâmica da língua faz com que o dicionário publicado esteja sempre em atraso com relação ao seu uso efetivo. Por esse motivo, o inventário lexical de um dicionário é sempre aberto, infinito, embora o número de palavras de uma língua possa ser relativamente mensurável, considerando, como afirmam alguns estudiosos do léxico, como a Professora Maria Tereza Camargo Bidermam<sup>2</sup>, que o número de palavras de uma língua pode atingir uns 500 mil vocábulos. Assim, apesar do esforço contínuo despendido em sua elaboração, um dicionário nunca será capaz de registrar todo o aparato lexical de uma civilização.

É importante mencionar que, mesmo sendo esta uma obra perpetuamente incompleta, o dicionário deve ter a pretensão de se configurar como o estuário lexical utilizado por uma determinada comunidade. Ele deve apresentar, de forma geral, clara e objetiva, o conjunto de palavras em uso em um meio lingüístico. A partir disso, ele pode ser elaborado de diferentes formas: há dicionários de língua, especiais, enciclopédicos e outros que apresentam unidades lexicais com todas as acepções que elas podem vir a assumir em um sistema lingüístico.

Feitas essas considerações, podemos voltar nossa atenção a um tipo de dicionário especial, mais especificamente, um “dicionário de gírias” publicado pelo jornalista, antropólogo e pesquisador J. B. Serra e Gurgel, intitulado *Dicionário de gírias – Modismo lingüístico – O equipamento falado do brasileiro*, que está em sua 7ª edição em 2005, e cuja editora leva o mesmo nome do autor.

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Lingüística e Língua Portuguesa – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP – 14800-901, Araraquara, SP, Brasil; m\_edileuzatavares@yahoo.com.br

<sup>2</sup> BIDERMAN, M.T.C. *Dimensões da palavra. Filologia e lingüística portuguesa*. São Paulo: Humanitas, n.2, p. 81-118, 1998.

O dicionário de gírias de Serra e Gurgel registra em seu *corpus* uma das maiores quantidades de gírias já publicadas anteriormente. Já na capa, o dicionário procura chamar a atenção do leitor, por meio de personagens estereotipadas e caricaturadas, demonstrando os grupos de usuários ou possíveis criadores e incentivadores de criações gírias, como por exemplo, o Malandro, o sujeito traído (“Corno”), o Mauricinho, a Loira, o Estudante entre outros. Sabemos, contudo, que a capa de uma obra, tem a pretensão de despertar a curiosidade do leitor com relação ao conteúdo veiculado nesta obra, mais ainda, a capa sugere o que será dito, conduz a intenção, de forma resumida, do que o autor pretende apresentar em sua obra. Nesse sentido, e já de início, podemos dizer que a opção do autor por representar na primeira capa os usuários de gírias, pareceu-nos ser um tanto preconceituosa em relação a tais expressões gírias, como se emitisse a elas um juízo de valor: as gírias seriam, neste contexto, “expressões ruins”, faladas por aqueles que, em caricaturas, foram apresentados em ilustração da capa do referido dicionário.

Assim, partindo da associação veiculada pela capa entre “falante-caricatura”, podemos depreender a idéia de que pessoas que não se reconhecem entre as figuras da capa, não são usuárias de gírias, como não o seriam pessoas cultas ou prestigiadas socialmente, além das crianças, idosos etc. O que definitivamente não é o caso, pois as gírias são unidades léxicas que fazem parte do acervo lexical da nossa língua como outras quaisquer.

O *corpus* variado de gírias compõe-se de 27.500 verbetes contra 6.023 publicados na 1ª edição, demonstrando um aumento expressivo do estuário lexical apresentado. Para tal aumento, destacamos as contribuições de *internautas* que acessaram o sítio criado pelo autor do dicionário, fornecendo-lhe novos vocábulos gírios.

Passando a uma análise estrutural da obra analisada, podemos dividir o dicionário de Serra e Gurgel em quatro partes significativas, apenas como fim didático.

Na primeira parte, o autor apresenta suas *notas* explicativas, ns tentativa de responder a uma parte das críticas que lhe foram atribuídas em razão de publicações anteriores do seu dicionário. Encerra-se essa primeira parte com um depoimento de um de seus antigos colegas jornalistas – *Arnaldo Niskier*, durante o seu trabalho na *Revista Manchete*, que de forma simples, mas elegante, resume sua opinião sobre o autor e seu respectivo dicionário: “uma obra legal, rica de signos e significados”.

Na segunda parte, encontramos informações e referências bibliográficas sobre os termos gírios. São 22 páginas que apresentam bibliografias, arcaísmos

(gírios), definições e, principalmente, algumas citações sobre a importância da gíria. Verificamos em meio a essas citações, opiniões de alguns estudiosos da língua e mesmo das gírias sobre a referente obra, como, por exemplo, Joaquim Mattoso Câmara Jr., Dino Preti, entre outros.

Antes de passarmos à terceira parte do dicionário, daremos destaque à apresentação da obra realizada pelo próprio autor. Nessa “apresentação” (p.47), Serra e Gurgel trazem ao leitor suas definições sobre o termo gíria, sem deixar de abordar a sua importância enquanto manifestação popular. Para ele, a gíria é a “manifestação da língua viva”, a linguagem usual da sociedade.

Em uma nota explicativa à primeira edição do dicionário, o autor traz como informação principal a criação e a extinção da Fundação EDUCAR, para substituir o MOBREAL (fatos ocorridos no período de 1985 – 1990), mencionando que ambas as instituições falharam no combate ao analfabetismo, favorecendo, assim, o florescimento das gírias no período, ou seja, verificou-se que houve um aumento considerável de uso da gíria.

Com relação a esse exemplo trazido ao leitor, que diz respeito ao “aumento considerável de gírias após a extinção do antigo MOBREAL”, podemos mencionar o fato de que se recobriu a idéia de que aqueles que têm maior tempo de educação formal não pronunciam gírias, hipótese esta atualmente descartada, já que a gíria, vista como unidade do léxico, pode ser utilizada em determinadas situações comunicativas, mesmo nas formais. Assim, cabe ao seu falante utilizar o termo mais adequado para o que se pretende efetivamente dizer.

A terceira parte da obra, tratada por Serra e Gurgel como “a parte teórica” do dicionário, apresenta-nos uma importante contribuição aos estudiosos da *Sociolingüística dos níveis de fala*. O autor situa a gíria como um “*modismo lingüístico*” e, em seguida, nos traz explicações sobre esse fenômeno.

Nesse âmbito de estudo, a gíria, deixando de ser “signo de grupo”, passa a se configurar como mais uma “variação lexical vinculada ao registro de uso popular da língua”, a compor a linguagem comum, coletiva. A presença dessas unidades léxicas em um dicionário de língua acaba por nivelar essas gírias, tornando-as parte integrante do léxico comum do brasileiro.

A parte teórica, intitulada pelo autor de “*O equipamento lingüístico falado do brasileiro* (p.51)”, é dividida em tópicos cujos títulos são respectivamente *Introdução* (p.51); *O que é modismo lingüístico* (p.53); *Os fundamentos do modismo lingüístico* (p.56); *A standardização da linguagem e o modismo lingüístico* (p.60); *Modismo lingüístico e Lingüística Social* (p.64); *A criatividade e a expansão do modismo lingüístico* (p.69); *Conclusões* (p.73) e,

por fim, as *Notas* de alguns termos, ou de áreas de pesquisas da linguagem, cujos significados são associados ao termo gíria, como por exemplo: Dialetoologia, Caipirismo, Regionalismo, Vícios da linguagem, Barbarismo, Solecismo, Jargão, Calão etc.

A quarta e última parte representa a parte “prática” e mais importante da obra, que corresponde à apresentação dos verbetes. São aproximadamente 650 páginas de gírias “em uso”, identificadas no dicionário por palavras e expressões.

No que diz respeito à macroestrutura do dicionário analisado, os verbetes apresentam-se em letras minúsculas e em negrito, dispostos numa ordem alfabética contínua, cuja seqüência desconsidera espaços em branco, caracteres não-alfabéticos, sinais diacríticos e outros.

Quanto à microestrutura da obra, o dicionário traz definições lexicográficas sobre as entradas, definições essas que se caracterizam pela predominância de informações lingüísticas, tratando, na maior parte, de palavras.

De acordo com alguns terminólogos, lexicólogos, ou outros estudiosos do assunto, as definições devem veicular as informações necessárias para que tenhamos uma total compreensão do conteúdo semântico-conceitual da entrada, e, nesse ponto, o dicionário em questão apresenta-se de forma obscura e confusa. O significado no dicionário é apresentado ao lado da entrada, sem ser diferenciado dela por qualquer pontuação ou índice, estando apenas em fonte normal, desprovida de negrito. Em seguida, vem a abonação. Apesar do esforço desmedido, os exemplos trazidos pelo autor não esclarecem o uso efetivo, corrente, da unidade léxica apresentada – a gíria.

Verificamos ainda que quando há um outro significado para a entrada, este vem em um novo verbe, seguido da entrada enumerada, de acordo com a ordem das significações. Assim, tem-se como exemplo a expressão “**a meio pau 1**”, seguida de sua definição e abonação e logo abaixo dela, a expressão “**a meio pau 2**”, também com sua definição e abonação.

Esta nova edição do dicionário traz ainda como mecanismo remissivo, uma informação imprescindível para o estudioso da gíria, pois algumas gírias possuem sua identidade geográfica ou regional. Ao lado de algumas entradas, encontramos a sigla do estado onde a gíria teria tido sua origem, ou onde ela é mais utilizada. O autor ainda faz menção aos usos distintos de algumas gírias no Brasil e em Portugal, quando esta se apresenta de forma diferente em cada um desses países. Para tanto, o autor coloca ao lado da entrada a sigla (PT\*), indicando que se trata do uso em

Portugal.

Vem a complementar a informação de alguns verbetes, a identificação de alguns grupos, tribos, atividades, profissionais emissores e outros usuários de gírias.

Uma última informação trazida pelo autor é a datação de algumas gírias, colocadas, quando possível, ao lado das entradas.

Sabemos que tal informação é muito importante no que diz respeito às gírias, principalmente ao pesquisador desses termos, no entanto, reconhecemos que se trata de um trabalho árduo e de difícil acesso, justamente porque a gíria apresenta na sua formação uma “composição de formas lingüísticas”, que resultam em metáforas, metonímias, reduções e vários outros tantos processos de formação de palavras, fato este que dificulta a identificação de radicais, afixos etc., e conseqüentemente, uma possível pesquisa de consulta aos dicionários etimológicos, por exemplo.

Com relação a uma maior precisão do verbete, sentimos falta ainda da classificação gramatical atribuída à unidade léxica (excetuando por esse motivo, as expressões) – a gíria. Essa classificação ajuda-nos, juntamente com as demais já mencionadas, a compreendermos melhor o sentido da gíria e, conseqüentemente, favorece-nos quanto a uma efetiva utilização da mesma.

É certo que o manuseio de um dicionário talvez nos condicione a algumas práticas habituais um tanto “formais” enquanto leitores, pesquisadores ou meros consultores. Mas é necessário esclarecer que esta prática favorece o leitor, tornando a consulta mais qualitativa, rápida e eficaz. Dessa maneira, um verbeito bem formulado com pontuações, datações, origem regionalista e grupal (no caso das gírias), classificações gramaticais, definições organizadas, precisas e abonações coerentes apenas facilita o consulente na sua busca por uma informação, seja por obrigação ou por mero prazer.

Diante disso, verificamos que a obra em questão não supre totalmente essas lacunas verificadas na sua confecção (haja vista, a opção pela capa, a imprecisão das informações contidas nos verbetes, algumas posições, informações, definições fundadas ou carregadas de ideologias etc.), embora estas sejam dificuldades que vêm sendo paulatinamente atendidas pelo autor, que tentou não deixar de mencionar, nessa edição, sua preocupação e cuidado em corresponder às críticas e sugestões apontadas às suas edições anteriores.

Esta obra, realizada no âmbito das gírias, das linguagens populares, faz-nos reconhecer a atenção do autor com um tema ainda marginalizado pela sociedade em geral, principalmente pela parte que detém a cultura e o poder aquisitivo.

Assim, apesar das lacunas apontadas, o *Dicionário de gírias* de Serra e Gurgel traz contribuições para o campo dos estudos lingüísticos atuais, fazendo com que a gíria seja “melhor aceita” e difundida, *a priori*, como “variação lexical ligada ao registro de uso popular”, utilizada por grande parcela da sociedade brasileira, ultrapassando os “limites grupais” e apresentando-se como fonte de criatividade popular, atuando, sobretudo, como forma de descontração, como elemento de purificação para as insatisfações sociais, ou ainda como um elemento de identificação com o grupo a que pertence.